

# DISCUSSÃO PARA UMA BIOÉTICA LATINO-AMERICANA

## DISCUSSION FOR A LATIN AMERICAN BIOETHICS

Claudionei Vicente Cassol\*  
cassol@fw.uri.br

**RESUMO:** Discutir a aplicação da ciência à vida e quais os princípios éticos que devem ser seguidos é a proposição dessa discussão. Que realidades estão sendo omitidas ou escondidas no debate científico que envolve a ética para com a vida em nível mundial. A Bioética, em sua missão de aplicar princípios éticos na preservação e defesa da vida, não pode descuidar da opressão e dominação que acometem a América Latina e as nações pobres ao longo de suas histórias. Por isso, Bioética para a América Latina é, necessariamente, envolvimento com libertação.  
**Palavras-Chave:** Bioética. Libertação. Vida.

**ABSTRACT:** Discussing the application of science to life and discussing which ethical principles must be followed is the purpose of this discussion. What realities are being omitted or hidden in the scientific debate that involves life ethics all over the world? Bioethics, in its mission of applying the ethical principles to the preservation and

---

\* Mestre em Educação pela Unisinos, professor na URI-FW e Diretor de Escola Pública da rede estadual no RS.

defense of life cannot neglect the oppression and domination that have been present in Latin America and poor nations elsewhere. Therefore Bioethics for Latin America means, necessarily, involvement with liberty..

**Key words:** Bioethics. Release. Life.

## PROVOCAÇÕES INICIAIS

Enquanto ciência aplicada, a Bioética precisa superar seus vínculos primeiro-mundistas e discutir a emancipação da ciência latino-americana. Não de modo a esquecer suas origens, mas como atualização temática e conceitual. Estar a serviço da vida implica compromisso com o ser humano e com todas as formas de vida que compõem o cosmos. A vida está acima de tudo e de todos, a vida com dignidade. É ela o fundamento de todas as ações científicas e pesquisas realizadas. A vida é o horizonte último para o qual devem convergir todos os conhecimentos e construções. A *Bios*, aplicação da qual se ocupa a ética, é cosmológica, total, plena e não pode estar limitada a discussões distanciadas da realidade dos povos pobres. O *Ethos* latino-americano precisa estar incluído nas reflexões e na aplicabilidade da Bioética.

Pensada nos Estados Unidos e na Inglaterra, entre os povos dominadores e abastados financeiramente, a Bioética tem, em seus mais de trinta e quatro anos (Moser e Soares, 2006), uma preocupação consolidada em defesa da vida, no seu sentido individual, por vezes isolado, e mantendo uma orientação fundamentada no aspecto econômico-financeiro da lógica capitalista. Talvez, necessidades e urgências que dizem respeito àquela parte do mundo, porém ainda distantes da grande maioria da população latino-americana e, também, brasileira. A sabedoria Bioética latino-americana tem um caráter de libertação (Moser e Soares, 2006) e, para isso, tem a obrigação ética de incluir as temáticas da exploração, da fome, do poder controlador e do império da racionalidade econômica. Não que a defesa da vida, missão bioética, se distancie entre os povos ricos do primeiro mundo e a

América Latina ou povos subdesenvolvidos. O que se afirma é a diferença de qualidade, intensidade e amplitude que a Bioética deve considerar no contexto dos povos pobres. A noção de cuidado (Boff, 2000a) deve permear o desenvolvimento de uma ética aplicada em defesa da vida, no que diz respeito aos povos subdesenvolvidos.

Para uma Bioética latino-americana há que se acender tochas que contribuam no resgate e entendimento da história de seus habitantes. Uma história que denuncia a condição de depósito do inútil, do contaminado, do perigoso, do imundo e fétido ar que se tornou a América Latina por ação característica da exploração de potências econômicas do “centro do mundo”. Esta mesma dominação econômica impôs um rótulo de sub-pensamento aos povos desprovidos de valor econômico-financeiro e condicionou a todos que o saber autêntico, verdadeiro e absoluto tem origem entre os seus.

Não há, nesta discussão, a pretensão de limitar ou reduzir a ética aplicada à vida a fatores únicos ou exclusivamente latino-americanos. Porém, uma ética que se pretenda completa e válida, parte dos costumes, das vivências, virtudes e conceitos da comunidade. É criação daquelas mesmas pessoas que vão construindo a sua história. O padrão ético e as necessidades dos sujeitos que integram o primeiro mundo afastam-se ou se opõem à vida no terceiro mundo. São momentos éticos distintos. Assumir uma ética que historicamente favoreceu a exploração e a dominação é posicionar-se contra a vida, que ainda não ocorre na sua plenitude, no mundo subdesenvolvido onde se encontra a América Latina.

Ao longo da história da humanidade, povos poderosos, econômica, cultural ou militarmente, subjugarão aqueles mais fracos. Esse *modus vivendi* também constitui o *éthos* dominador de tal modo que é possível identificar na Bioética primeiro-mundista discussões que afetam a luta pela conquista da vida entre as nações pobres. Enquanto o primeiro mundo se apressa em interromper a vida de seus doentes terminais com campanha pró-eutanásia, os latino-americanos buscam alimentos para grande parcela de sua população. Assim também, enquanto cientistas da Europa e Estados Unidos divergem sobre o ponto de “vitalização” ou *ánima* do embrião, na porção meridional do mundo,

a prioridade ainda é salvar as crianças nos primeiros dias de vida e não deixá-las morrer nas fases iniciais.

Fazer ciência na América Latina é partir da reflexão da situação histórica de submissão que marca seu povo com estigmas moldados no primeiro mundo e lançados para o Sul como forma de manutenção do imperialismo. A ciência latino-americana precisa criar seus temas de debate e seu modo de ver o mundo. E que esse olhar não utilize a visão centralista européia ou estadunidense. A dificuldade de construir esse olhar é também o medo de enfrentar a história com toda sua verdade e instituir uma identidade autenticamente latino-americana que passa, forçosamente, por ver *o que* somos e *em que* nos tornamos por ação externa e omissão de todos. A emancipação, a autonomia de nossos povos, de nossas nações, que deveria vir com a proclamação das suas independências das antigas metrópoles européias, não se consolidou até hoje. Dificultada, quiçá, pelo fato de ainda se estar vendo a realidade cotidiana com olhares dominadores.

Nessa mesma medida, a ciência é, igualmente, dominadora. Uma ciência latino-americana não pode ter os mesmos pressupostos e conceitos daquela que oprime, que explora e domina. Ser Bioética latino-americana, para os povos pobres, é discutir a vida sob o olhar da emancipação, da autonomia, da libertação. Enquanto ciência, é fundamental que se veja como dominada, primeiramente, para que tenha sentido sua ação e capacidade de instituir-se com identidade própria.

### **Solidariedade como exigência Bioética latino-americana**

As relações estabelecidas entre as metrópoles portuguesa e espanhola e suas colônias, na América, foram fortemente marcadas pela dominação e exploração do humano e apropriação de recursos. Historicamente tem se verificado essa prática nociva à diversidade e impeditiva da construção de identidades dos diversos povos dominados em todo o terceiro mundo. Nesse sentido, não seria muito apropriado falar em relações porque elas implicam o reconhecimento de todos os

envolvidos como sujeitos. A objetificação dos povos pobres não estacionou em 1822 com a independência brasileira, nem se abalou em 1888 com a proclamação da República e continuou sua pretensão macabra com a Revolução cubana de 1959, uma das últimas repúblicas latino-americanas a conquistar sua independência.

Essa história imperialista que marca a América Latina se faz novamente presente – é preciso ter claro que nunca se fez ausente – em duas frentes, entre a população majoritária<sup>1</sup>. A primeira situação diz respeito às influências externas, marca da prepotência estadunidense, refere-se à constante interferência de nações poderosas em assuntos internos das nações latino-americanas, em particularidades exclusivas daqueles povos, como é o caso da interferência na Venezuela, na Bolívia, em vários países centro-americanos e, recentemente, também, em Cuba, com a enfermidade de Fidel Castro. A unilateralidade com que é pensada a ALCA, as interferências no Mercosul, a intransigência em aceitar as decisões do Protocolo de Quioto e o fechamento europeu, em seu centralismo econômico e auto-suficiência, fazem dos Estados Unidos e da grande maioria dos países europeus novas metrópoles dominadoras.

Não há espaço para o ser humano quando a vida é negada em cada ação imperialista. Se há alguma relação ética entre povos ricos e pobres, ela, definitivamente, não é selada com a solidariedade que compõe uma nova exigência em Bioética para a América Latina e nações do terceiro mundo. A Bioética exige um compromisso com a vida e não admite mais apenas atitudes discursivas, retóricas bem elaboradas. Como ciência latino-americana, cobra ação imediata porque não entende como possível cuidar da humanidade sem assumir um projeto cosmológico. Nessa mesma intensidade, a Bioética precisa fugir do pragmatismo puro e simples porque, então, sucumbiria a uma falta de critérios e novamente estaria a serviço dos mais fortes.

---

<sup>1</sup> Esta terminologia é utilizada para significar que a grande maioria da população mundial ainda está localizada na porção miserável, pobre, “sul” do planeta terra e, no entanto, não controla a maior parte da renda produzida que apropriada pela minoria.

A segunda força que se confronta com uma atitude solidária, fundamental para uma Bioética latino-americana, diz respeito a diferenciação existente internamente nas nações pobres. É bem verdade que esse abismo econômico, social e cultural, começa a aparecer com muita clareza igualmente no primeiro mundo, mas, entre os povos majoritários, é histórico e tende a naturalizar-se. Se a solidariedade das nações ricas que, durante uma vida toda, exploraram os povos mais pobres e, a partir daí, construíram sua riqueza e seus impérios, não se faz sensível hoje, tampouco esse espírito de partilha ou re-distribuição (Demo, 2003) existe como alternativa e prática constante no mundo sub-desenvolvido.

Contudo, seja a solidariedade o caminho da re-distribuição, não meramente da distribuição que já vem sendo mal-feita nos assistencialismos internos dos países pobres, ela não se caracteriza pelo sentido de esmola, de oferta, de doação fragmentária. A solidariedade que a Bioética latino-americana deve incluir como sua temática diz respeito não somente à possibilidade de um outro mundo possível, mas à necessidade de um outro comportamento humano, do compromisso com outros valores que dimensionem, ao infinito, a vida e a dignidade humana. Assim, também, ser eticamente solidário é ver o homem e a mulher inseridos no ecossistema e dele dependentes e não o contrário, colocando o homem e sua técnica como senhores do cosmos.

A solidariedade implica, então, um olhar a partir do explorado e uma ação conjunta com o dominado enquanto natureza, enquanto totalidade, para transformar as relações ou construí-las a partir da centralidade da vida, da dignidade e não da ciência, da técnica e do lucro. É essa uma condição de fronteira para a Bioética: assumir a solidariedade como possibilidade qualificadora do ser humano e de dignificação do sujeito.

### **Cidadania, objetivo incondicional da Bioética latino-americana**

A histórica dominação e subjugação dos povos majoritários e a

atual sistemática de controle e centralismo econômico e político desferidos sobre a população pobre do terceiro mundo, tanto interna quanto externamente, tem revelado a face obscura e perversa de democracia representativa. Organizar “ágoras” é uma capitalização indispensável à Bioética da libertação. Como ciência aplicada à vida, eximir-se de promover a participação, condição primeira da autêntica cidadania, reduziria o sentido científico e prático da Bioética e romperia com o objetivo último da vida e dignidade humanas.

Bioética cidadã é aquela que desvela os laços tradicionais de atrelamento a qualquer espécie e intensidade de poder que não o popular. Ser cidadã, para a ciência latino-americana, é posicionar-se contra o distanciamento do poder em relação ao povo. Assim, também, é assumir a necessidade da gente pobre do terceiro mundo e incorporar essas temáticas nas suas pesquisas, ações e intenções. Os valores não são outros porque se referem ao ser humano e à natureza em seu aspecto cosmológico, mas são distintos e integram essa diferença identitária que faz de alguns poucos, mais ricos, e da grande maioria, pobres.

O modelo de democracia moderno está falido e com ele toda forma de representação política que criou a cidadania tutelada (Demo, 1995) ou o Estado de controle com cidadania mínima ou de baixa intensidade como entende Boaventura Sousa Santos (2002). Ser Bioética para a latino-América é estar ao lado da vida e essa opção implica libertação aos povos dominados, ao terceiro mundo. A função da Bioética é tornar explícito o implícito e, para tanto, precisa não somente ser verbal, mas avançar para o real, ser concreta. Tornar-se campo de ação, como diz Bellino (1997). O campo ativo da Bioética é a América Latina porque, nesse espaço, a exploração prospera entre reformas e populismos; o Estado se faz ausente, a dominação cala vozes dissonantes e a fome confirma a presença iminente da morte (caráter verbal). A libertação é urgente e se expressa no desejo de vida, de humanidade, na inclusão, na luta por uma sociedade melhor, por um terceiro mundo emancipado por cidadãos que entendem e assumem sua condição humanificadora de sujeitos, na ação coletiva contra a morte (caráter ativo da Bioética).

A ação Bioética latino-americana não se dá apenas pela

atividade de representantes isolados ou assumindo a causa popular. O ideal de libertação ocorre com a elevação de todas as gentes, num movimento conscientemente auto-instituído, de compromisso consigo mesmo e com a comunidade. A comunidade não muda por ação externa, o que transforma é a força coletiva que já existe adormecida, esquecida, sufocada, controlada, em cada comunidade. Esse é um movimento essencial da ação promotora de vida, objetivo da Bioética da libertação, a auto-instituição (Castoriadis, 1982). Toda ciência que se coloca em defesa da vida assume compromisso com o ser e sua “ressurreição” para integrar o mundo novo de sujeito. Nessa transfiguração, ocorre a incorporação da atitude cidadã da autonomia mostrando as possibilidades de ação coletiva como elemento fundamental na conquista de vida plena.

### **Participação: caminho para construir vida**

A humanização da ciência ocorre com a injeção de doses homeopáticas de política. Há aquelas que precisam de tratamento mais intensivo e outras, mais próximas da “cura”, às quais deve se receitar o anti-virótico com a regularidade que cada caso exige. Porém, a política a ser administrada não é esta partidária, distante dos cidadãos. A política que se exige é aquela também humanizada com a participação popular. Uma política que não veja outra forma de ser, senão pela participação cada vez mais intensa de toda a sociedade. Romper com o vínculo representativo e instituir, a partir das comunidades, a radicalização da democracia que só ocorre com povo, com pessoas se envolvendo, participando, entendendo-se sujeitos e aí, cidadãos e cidadãs.

Participar exige compromisso de cada um com a vida. Esta mesma vida, objetivo explícito e implícito da ciência e compositora de sua essencialidade. Ciência humanizada é ciência que se ocupa da qualificação da vida conforme exige cada comunidade. Ela se universaliza no momento em que a vida, a dignidade humana, é seu horizonte. Nesse mesmo momento, ela não pode prescindir da

consciência de que a vida humana somente será garantida e qualificada com o respeito ao cosmos como um todo.

A intransigência dialógica ou o fundamentalismo científico caracterizam ciência ainda como dominadora, corrupta e técnica. Há, então, um indicativo de que a ciência não está universalizada para a progressiva dignidade da vida, mas universalizando-se a serviço das forças financeiras e sustentando o imperialismo do capital.

Estabelecer fóruns internos de discussão, de crítica e auto-crítica e manter canais sociais conectados com a cidadania, inserir-se no meio popular para ouvir e aí aprender, é indispensável para que a humanização da ciência seja concreta. A dimensão política da ciência precisa ser questionada, vista e estudada por todos. Quem está se beneficiando com as posições da minha ação científica? A serviço de quem estou fazendo ciência? Qual o horizonte que determina para onde deve seguir ou estou seguindo. Ciência humanizada não é ação cega, nem submissão. A ciência necessária para a humanidade é aquela que sabe ouvir, que tem, em seus princípios deontológicos, a capacidade dessa descoberta, de realizar essa análise, e a aprofundar constantemente.

A ciência precisa ser cosmológica e não “cósmica”. Essa atitude implica a capacidade da ciência em ver o todo e sua posição, qual sua condição. Que contribuições para a vida tem apresentado a sociedade? Qual a sua relevância para a humanidade, para a libertação dos milhões dominados, não por assombros de consciência ou dilemas pessoais, ou, mesmo, demagogias humanas na tentativa de melhorias ou acomodações, mas construindo transformações e instrumentalizando novas visões do real, compreensão dos complexos mecanismos e ligações escusas que matam e desumanizam a própria ação científica?

A humanização da ciência passa também pela re-descoberta do medo (BELLINO, 1997). A heurística do medo faz-se necessária à medida que nem a morte mais é capaz de fazer o homem pensar na vida. O espírito todo poderoso da ciência prolongou a vida, re-desenhou a realidade, coloriu e descoloriu a vida, deu sentimento aos animais irracionais, “alma” à máquina, máquina para o homem, botões e cartões para tudo. Hoje é possível sair de casa apertando botões e retornar, usando cartões, sem passar fome e trabalhando muito. Sem

que seja possível olhar para trás e ver o quanto se produziu. Certos tipos de trabalho, mesmo realizados intensamente, não deixam marcas, sinais. Trabalha-se muito sem a possibilidade de visualizar o que foi produzido. É inacreditável, por outro lado que, nesse mesmo mundo já esquecido do castigo bíblico “Você comerá seu pão com o suor do seu rosto...” (Gn. 3, 19), outros tantos tenham uma história toda sem oportunidade de trabalho.

A presença do medo, não aquele exercido pelo poder dominador mas o natural, que diz respeito à fronteira da vida e mostra a limitação humana, ou a descoberta da cidadania, da participação popular, o controle social, talvez sejam os mecanismos democráticos ainda capazes de destronizar a ciência de seu comportamento prepotente e todo poderoso e direcioná-la para a libertação dos dominados e para a emancipação dos povos pobres.

## **UMA EXIGÊNCIA FINAL**

Por mais que a Bioética volte sua causa para as reais e essenciais necessidades da população latino-americana, se consagrando como ciência de libertação, sozinha, isolada, não será suficiente para suplantar o regime de dominação causador de anti-vida nas comunidades pobres e exploradas. O mesmo diálogo exigido das ciências mais técnicas em processo de auto-reflexão ou avaliação interna é exigido da Bioética consigo mesma e com as outras ciências.

A pretensão Bioética de libertação não é encontrar culpados mas, enquanto proposição alternativa, dedicar-se à defesa da vida em sua plenitude e aí centrar sua aplicação prática. Em sua caminhada para a libertação, pondo-se como caminho alternativo à ética dominante e à Bioética centralista ou primeiro mundista, a Bioética latino-americana precisa recordar permanentemente atrocidades cometidas na luta pela terra, “direito sagrado de todos”: massacre de Eldorado dos Carajás. Refletir sobre o poder privado, que mostra sua força quando é questionado em sua ação contra a vida, também, é seu compromisso.

Essa particularidade pesa mais sobre a América Latina, que abriga casos de assassinatos, seguidamente, porque lideranças que defendem a vida se põem a questionar o avanço do capital sobre o social, sobre a vida: Chico Mendes, Irmã Dorothy... crimes contra a ecologia, contra o mundo, contra a humanidade.

Para ser Bioética latino-americana, é preciso que a ciência aplicada à vida tenha consciência histórica e não esqueça o Chile de Pinochet, a Argentina de Videla e Galtieri, o Paraguai de Stroessner, a Nicarágua de Somoza, Cuba de Fulgêncio Batista e o Brasil do pós 1964. Alguns casos que lamentavelmente colocam a porção Sul do continente americano em igualdade com a Alemanha da Segunda Guerra, a Iugoslávia deste século, os USA de ontem e Israel atual. Esses assombros para a humanidade – ou talvez não assombrem mais – concorrem para o “oscar” do absurdo disputando espaços de discussão e aplicação da Bioética, com temas como o aborto, a eutanásia, pena de morte e drogas. De qual Bioética o mundo precisa?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLINO, Francesco. **Fundamentos da Bioética**: aspectos antropológicos, ontológicos e morais. Bauru : Edusc, 1997.

BÍBLIA SAGRADA, edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

BOFF, Leonardo. **Ética da vida**. 2.ed. Brasília: Letraviva, 2000.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DEMO, Pedro. **Pobreza da pobreza**. Petrópolis: Vozes, 2003.

DEMO, Pedro. **Cidadania tutelada e cidadania assistida**. Campinas: Autores Associados, 1995.

MOSER, Antônio e SOARES, André Marcelo M. **Bioética: do consenso ao bom senso.** Petrópolis: Vozes, 2006.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista,** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. Coleção: Reinventar a